

RICHARD BACH



FUGINDO DO NINHO
Uma aventura do espírito



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

Richard
para mais uma



Bach decola
viagem que

ultrapassa a nossa dimensão. Mas, desta vez, o vôo do autor de *Fernão Capelo Gaivota*, *Longe é um lugar que não existe* e *Ilusões* não é tão suave quanto parece. Nesta nova jornada de autoconhecimento, ele tem a companhia do jovem Dickie — na verdade, o próprio autor, aos nove anos de idade. Passado e presente se confundem quando o garoto lhe cobra o cumprimento de uma promessa feita 50 anos antes: ensiná-lo tudo que aprendeu durante meio século de vida. Ansioso por mostrar ao menino aquilo que julga mais importante, Richard alterna momentos de tranqüilo planar com algumas zonas de turbulência, principalmente quando precisa satisfazer a ingênua curiosidade de Dickie sobre coisas fundamentais da existência: Qual o sentido daquilo que fazemos! O que significa envelhecer? Como se aprende a amar?

Fugindo do ninho é uma jornada espiritual *na* direção dos mistérios da vida, e o plano de vôo é traçado por Richard Bach com seu estilo consagrado por milhões de leitores em vários países.

Introdução

HÁ MUITO TEMPO MINHA VERDADE vem sendo refinada. E eu a tenho explorado e a exercitado com esperança e intuição, filtrando-a, condensando-a e refletindo sobre ela da melhor maneira de que sou capaz; por fim, processo-a em minhas engrenagens, prudente a princípio, para ver no que vai dar.

Trancos e solavancos, claro, eram mesmo inevitáveis, uma ou duas explosões no caminho, em que aprendi o quão volátil pode ser qualquer filosofia manipulada caseiramente. Chamuscado, porém mais experimentado, volto um pouquinho no tempo para perceber que venho, ao longo de boa parte da vida, alimentando minha mente com esse combustível peculiar. Mesmo hoje, cautelosamente imprudente, gota após gota, venho aos poucos aumentando a dose de octano.

No entanto, não escolhi esquematizar minhas próprias verdades pelo prazer da coisa em si, ou porque nunca tenha me abastecido de combustível comum. Impetuoso na busca de razões que justifiquem o ser e que me dêem motivos pelos quais viver, escarafunchei as religiões ainda adolescente e estudei Aristóteles, Descartes e Kant em uma escola noturna, quando ainda era piloto de frente da Força Aérea.

Concluído o último curso, passos pesados e lentos sobre a

calçada, encontrava-me tomado por uma estranha depressão. Tanto quanto pude entender nas salas de aula, aqueles cavalheiros sabiam menos sobre quem somos e por que estamos aqui do que eu próprio; e olha que eu tinha apenas uma vaga idéia.

Aqueles cavalheiros eram donos de intelectos sisudos, cruzando as estratosferas acima do teto dos aviões de combate do meu comando. Desejava, desavergonhadamente, tomar-lhes emprestadas suas idéias para estabelecer as minhas próprias, mesmo porque era tudo o que eu poderia fazer, prestar atenção nas aulas para me manter impedido de gritar: “*Quem se importa?*”

O Sócrates prático, eu o admirava pela sua escolha em morrer por um princípio, quando escapar seria a atitude mais fácil. Os outros não se mostravam tão admiráveis. Todos aqueles calhamaços, letras microscópicas e, finalmente, a sábia conclusão deles: Agora, Richard, tudo depende de você. Como poderíamos saber o que é melhor para você?

Concluídos os estudos, caminhava sem rumo pela noite, os passos ecoando em um *compus* vazio, nenhum lugar para onde eu quisesse ir.

Tomei esse curso como um guia, pensei, eu precisava de uma bússola que me conduzisse pelas selvas. Para mim, religiões sistematizadas eram pontes oscilantes, pedaços de pau mal-ajambrados que cederiam à primeira pressão, uma questão

infantil revolvendo o mistério impossível: por que as religiões pendem para questões irrespondíveis? Não se sabe que o *irrespondível* não é resposta?

Seguidamente, deparava-me com uma nova teologia e sempre me via diante do impasse: devo agarrar essa crença e fazer dela a minha vida?

Cada vez que esse impasse se impunha, colocava meu peso sobre a ponte, as tábuas tremiam e rangiam; então, todas de uma só vez, caíam diante de mim, como que espanadas, rolando abaixo, escapando de vista.

Nesse ponto, agarrava-me ao mundo, agachando-me de volta à beirada abaixo da qual estava o abismo, grato por não sucumbir à queda. Que sabor teria entregar o coração a uma religião, que garantia que o planeta se dissolveria em fogo quando chegasse o 31 de dezembro, e então acordar no Ano-Novo entregue ao canto dos pássaros? Constrangimento, este o sabor que teria.

Atrás de mim, ao caminhar no breu da noite, as passadas de uma mulher. Esgueirei-me à direita para deixá-la passar.

Agora que concluí meus cursos em vinte filosofias, pensei nas mais brilhantes estrelas da história, e em cada uma delas, um fracasso. Tudo o que eu pedia era que aqueles cavalheiros me mostrassem uma maneira de pensar o universo de modo a me guiar pela vida cotidiana — não é uma tarefa tão difícil para um Tomás de

Aquino ou para um Georg Wilhelm Friedrich Hegel, diria você. As respostas deles funcionam para eles, mas suas vidas cotidianas estavam inscritas em uma esfera diferente da minha.

— Seus estudos não serviram para nada? — perguntou ela. — Eles simplesmente te ensinaram o que você vem esperando aprender todos esses anos, e você nem mesmo sabe o que é?

Um instante de embaraço... a mulher não estava passando por mim, mas sim escutando meus pensamentos!

— O que foi que disse? — perguntei da forma mais fria possível.

Cabelos negros com uma ousada mecha loira, vinte anos mais velha que eu, distinta, não muito bem vestida, desavisada do que eu faço com pessoas que ousam demolir minha quietude.

— Eles te ensinaram o que você se propôs a aprender! — disse ela. — A sua vida está mudando esta noite, não pode sentir isto?

Olhei para trás ao longo da calçada, ninguém mais à vista. Ela, evidentemente, encontrara a pessoa errada. Não era da aula de filosofia, não era ninguém que eu tivesse visto antes.

— Não creio que nos conhecemos — disse a ela. Em vez de surpreender-se, riu.

— Creio que não nos conhecemos. — Ela agitou a mão diante dos meus olhos. — Eles te ensinaram que não têm respostas! Não

entende isso? Ninguém tem respostas para você, exceto um!

Que os céus me ajudem, pensei. Ela vai dizer que Jesus Cristo é o meu Redentor e que ela me purificará com o sangue da ovelha. Será que teria de evocar citações da Bíblia para me ver livre dela?

Suspirei.

— Quando Jesus disse *Ninguém alcança a Graça divina se não for por mim*, ele não se referia ao ex-andarilho carpinteiro mas sim à busca do conhecimento do espírito em...

— Richard! — exclamou ela. — Por favor! Petrifiquei-me e a encarei, aguardando uma reação. Seu sorriso não cedeu, os olhos faiscavam. Ela era bem mais bonita do que distinta, pensei. Por que não havia notado? Meu tédio era o que desfigurava os outros?

Enquanto observava, as luzes da rua deviam ter se alterado... ela não era apenas bela, era linda.

Ela esperou, então, até ganhar minha atenção totalmente. Era ela, pensei, e não a luz que se transfigurava? O que estava acontecendo?

— Jesus não tem a verdade que você procura — disse ela. — Lao-tzu ou Henry James também não a têm. O que terá descoberto hoje, se é que abriu os olhos para algo mais do que uma bela face, é... o quê? Ela esperou.

— Eu a conheço, não? — falei.

Pela primeira vez naquela noite, ela se contraiu.

— Pode estar certo que sim!

*

Foi assim, tanto quanto posso me recordar. Alguém sempre me seguindo, esbarrando em mim quando eu dobrava as esquinas, alguém aparecendo nos metrô ou nas carlingas dos aviões para me revelar qual a moral do mais insignificante acontecimento.

No início pensei que fossem fantasmas, obras da minha própria imaginação, e, a princípio, de fato eram. Que surpresa, quando as próximas dessas diversas almas instrutoras revelaram-se tão mortais e fisicamente tridimensionais quanto eu, surpresa pelo fato de se mostrarem tão chocadas ao depararem comigo no meio de suas aventuras quanto eu ao me deparar com elas no meio das minhas.

Depois de um certo tempo não saberia dizer se a pessoa que cuidava de mim e de minhas lições era mortal ou não, e hoje admito que são de carne e osso até que desaparecem no meio de uma frase ou me transportam rapidamente para mundos alternados só para ilustrar algum interessante ponto da metafísica.

No final das contas, claro, não importa muito quem sejam. Algumas pessoas são anjos e deixam isso claro tão logo cruzam nosso caminho. Outras, eu as conheci durante anos até poder

perceber-lhes as penas, outras eu as tomava por evangelhos vivos até o instante em que percebia que não passavam de maus presságios.

Este livro é a história de um desses encontros, ocorridos dentro da minha pequena refinaria de pensamento, um livro sobre o que aprendi com isso e de como tal lição mudou minha vida.

Se as minhas lições lhe serão úteis? Serei eu um anjo camarada, projetado em forma de fogo na estrada em que você também está trafegando, ou serei mais uma dessas estranhas criaturas andando na rua? Algumas respostas jamais saberei.

Mas agora apressemo-nos, ou estaremos atrasados para o Capítulo Um.

Um

PAREI NO CUME DA MONTANHA, vigiando o vento. Lá longe, no horizonte, ele, o vento, enrugava suavemente o lago, soprando em minha direção. Fazia tremular algumas colunas de fumaça que saíam das chaminés da cidade, setecentos metros abaixo, e agitava as folhas verdes das árvores ao pé das colinas. À beira do penhasco, delicadas birutas de seda agitavam-se ao vento em ciclos com as térmicas de passagem, ora indolentes, ora enérgicos. Melhor que haja vento quando eu saltar do penhasco, pensei; melhor esperar por uma boa rajada.

— Quem é a cobaia hoje, você ou eu?

Virei-me e sorri para Ceejay Sturtevant, uma praticante de vôo livre cuja altura não ia além dos meus ombros, amarrada ao arnês de seu *paraglider* e enfiada em capacete e botas. Um ursinho de pelúcia esfarrapado espreitava do bolso do seu traje de vôo; o *paraglider* de Ceejay, uma combinação colorida de *nylon*, estava pousado cuidadosamente ao chão, um pouco atrás.

— Estou esperando um pouco mais de vento — falei. — Vá em frente, se quiser.

— Obrigada, Richard — disse ela. — Tudo OK?

Deixei-lhe o caminho livre.

— OK.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

